

# É POSSÍVEL A IRMANDADE NOS ESPAÇOS DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Antologia de Poesia de Língua Portuguesa

Com Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro

André José, Eliana Dinis, Eurídice Monteiro, Fátima Rodrigues, Hélia Santos, José António  
Fernandes, Kachia Techio, Odair Valera, Paula Medeiros e Teresa Cunha

Coimbra, Setembro 2005

**É POSSÍVEL A IRMANDADE NOS ESPAÇOS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA?**

Organizado pelos estudantes do  
Programa de Mestrado e Doutoramento  
“Pós-Colonialismos e Cidadania Global”,  
na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (2004/2005).

Com Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro

## PREFÁCIO

No final do século XIX, Cesário Verde, no poema “Nós”, colocou da seguinte forma a questão Norte/ Sul:

“Sim! Europa do Norte, o que supões  
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,  
Quando as docas, com frutas, os paquetes  
Chegam antes das tuas estações?!  
(...)  
Ó cidades fabris, industriais,  
De nevoeiros, poeiradas de hulha,  
Que pensais do país que vos atulha  
Com a fruta que sai de seus quintais?”<sup>1</sup>

Na época, a questão colocava-se em termos europeus, ou seja, entre a Europa do Norte e a Europa do Sul, mas é certo que os pontos cardeais da desigualdade eram os mesmos que se configuram hoje em dia alargados a escala planetária, ainda que, como então, dentro do Norte se mantenham e redesenhem novos “Sules” e dentro do Sul haja expansivos e preocupantes Nortes, espelho de um inconfessado e inconfessável “desenvolvimento” económico, que não vai ao encontro do desenvolvimento social e cultural.

Ao longo dos seminários de “Pós-Colonialismos no Espaço de Língua Portuguesa” procurámos analisar o acto colonial do ponto de vista político, social e cultural, os seus prolongamentos e as suas rupturas no tempo pós-colonial, os seus fantasmas e as suas fantasias, mas também aquilo a que podemos chamar “externalidades” imperiais, ou seja, as “consequências positivas de ter havido impérios”<sup>2</sup>, ou ficcionalmente falando, aquilo que leva Macunaíma, de Mário de Andrade, a dizer “Sou um tupi tangendo um alaúde”. Não é “porque o alaúde e os tupis pertencem a histórias diferentes que eles não podem se encontrar na pena de um poeta ou no meio de uma aldeia administrada por Jesuítas”,

---

<sup>1</sup> Cesário Verde, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa: Passagem Editora, /sd/, p. 109.

<sup>2</sup> Helder Macedo, *Partes de África*, Lisboa: Presença, 1991.

como defende Serge Gruzinski em *O Pensamento Mestiço*<sup>3</sup>. Não há incoerência, não há incompatibilidade, mesmo se a mistura implica perda e dor, como recorda Macunaíma.

O texto de *Macunaíma* mostra-nos bem que o problema não está nos vários elementos que se conjugam resultando daí identidades múltiplas ou constantes metamorfoses. O problema está no olhar apriorístico que lançamos sobre este mundo miscegenado. Aquilo que é aparentemente díspare tem significado e é aí que reside a continuidade das coisas, pois como dizia Bachelard, do passado só permanece aquilo que tem razões para continuar.

O discurso ficcional e poético é, por excelência, o lugar de encontro destas múltiplas expressões mestiças, geograficamente dispersas pelos Nortes e “Sules” do mundo contemporâneo. Por isso e, como afirmava ironicamente José Craveirinha, a falha da revolução moçambicana foi que, na onda de nacionalizações, não se lembraram de nacionalizar Camões.

*Margarida Calafate Ribeiro*

---

<sup>3</sup> Serge Gruzinski, *O Pensamento Mestiço*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## Para além do Norte e Sul nos Espaços de Língua Portuguesa

### Os Lusíadas

Vasco da Gama, o forte capitão,  
Que a tamanhas empresas se oferece,  
De soberbo e de altivo coração,  
A quem Fortuna sempre favorece,  
Pera se aqui deter não vê razão,  
Que inabitada a terra lhe parece.  
Por diante passar determinava,  
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

Eis aparecem logo em companhia  
Uns pequenos bâteaux, que vêm daquela  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vela.  
A gente se alvoroça, e, de alegria,  
Não sabe mais que olhar a causa dela.  
- "Que gente será esta?" (em si diziam)  
"Que costumes, que Lei, que Rei teriam?"

As embarcações eram de madeira  
Mui velozes, estreitas e compridas;  
As velas com que vêm eram de esteira,  
Duas folhas de palma, bem tecidas;  
A gente da cor era verdadeira  
Que Fáeton, nas terras acendidas,  
Ao mundo deu, de ousado e não  
prudente:  
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

De panos de algodão vinham vestidos,  
De várias cores, brancos e listrados:  
Uns trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo airoso sobraçados:  
Das cintas pera cima vêm despidos;  
Por armas têm adargas o tarçados;  
Com toucas na cabeça; e, navegando,  
Anafis sonoros vão tocando.

Cos panos e cos braços acenavam  
Às gentes Lusitanas, que esperassem;  
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,  
Pera que junto às Ilhas amainassem.  
A gente e marinheiros trabalhavam  
Como se aqui os trabalhos s' acabassem;  
Tomam velas, amaina-se a verga alta,  
Da âncora o mar ferido em cima salta.

Não eram ancorados, quando a gente  
Estranha polas cordas já subia.  
No gesto ledos vêm, e humanamente  
O Capitão sublime os recebia.  
As mesas manda pôr em continente;  
Do licor que Lieu prantado havia  
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,  
Os de Fáeton queimados nada enjeitam.

Comendo alegremente, perguntavam,  
Pela Arábica língua, donde vinham,  
Quem eram, de que terra, que buscavam,  
Ou que partes do mar corrido tinham?  
Os fortes Lusitanos lhe tornavam  
As discretas respostas, que convinham:  
"Os Portugueses somos do Ocidente,  
Imos buscando as terras do Oriente.

"Do mar temos corrido e navegado  
Toda a parte do Antártico e Calisto,  
Toda a costa Africana rodeado;  
Diversos céus e terras temos visto;  
Dum Rei potente somos, tão amado,  
Tão querido de todos e benquisto,  
Que não no largo mar, com leda fronte,  
Mas no lago entraremos de Aqueronte.

"E, por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental que o Indo rega;  
Por ele, o mar remoto navegamos,  
Que só dos feios focas se navega.  
Mas já razão parece que saibamos  
(Se entre vós a verdade não se nega),  
Quem sois, que terra é esta que habitais,  
Ou se tendes da Índia alguns sinais?"

- "Somos (um dos das ilhas lhe tornou)  
Estrangeiros na terra, Lei e nação;  
Que os próprios são aqueles que criou  
A Natura, sem Lei e sem Razão.  
Nós temos a Lei certa que ensinou  
O claro descendente de Abraão,  
Que agora tem do mundo o senhorio;  
A mãe Hebreia teve e o pai, Gentio.

"Esta Ilha pequena, que habitamos,  
É em toda esta terra certa escala  
De todos os que as ondas navegamos  
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala;  
E, por ser necessária, procuramos,  
Como próprios da terra, de habitá-la;  
E por que tudo enfim vos notifique,  
Chama-se a pequena Ilha - Moçambique.

"E já que de tão longe navegais,  
Buscando o Indo Idaspe e terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejais  
Guiados pelas ondas sàbiamente.  
Também será bem feito que tenhais  
Da terra algum frescosco, e que o Regente  
Que esta terra governa, que vos veja,  
E do mais necessário vos proveja."

Luís de Camões, Portugal  
(*in* Camões, 1992)

### Poema do Mar

O drama do Mar,  
o desassossego do mar,  
sempre  
sempre  
dentro de nós!

O Mar!  
cercando  
prendendo as nossas Ilhas,  
desgastando as rochas das nossas Ilhas!  
Deixando o esmalte do seu salitre nas  
faces dos pescadores,  
roncando nas areias das nossa praias,  
batendo a sua voz de encontro aos  
montes,  
baloçando os barquinhos de pau que vão  
por estas costas...

O Mar!  
pondo rezas nos lábios,  
deixando nos olhos dos que ficam  
a nostalgia resignada de países distantes  
que chegam até nós nas estampas das  
ilustrações  
nas fitas de cinema  
e nesse ar de outros climas que trazem os  
passageiros  
quando desembarcam para ver a pobreza  
da terra!

O Mar!  
a esperança na carta de longe  
que talvez não chegue mais!...

O Mar!  
saudades dos velhos marinheiros  
contando histórias de tempos passados,  
historias da baleia que uma vez virou  
canao  
de bebedeira, de rixas, de mulheres,  
nos portos estrangeiros...

O Mar!  
dentro de nós todos,  
no canto da Morna,  
no corpo das raparigas morenas,  
nas coxas ágeis das pretas,  
no desejo da viagem que fica em sonhos  
de muita gente!

Este convite de toda a hora  
que este Mar nos faz para a evasão!  
Este desespero de querer partir  
e ter que ficar.

Jorge Barbosa, Cabo Verde  
(*in* Ferreira, 1997; Andrade, 1980a)

Vou me embora pra pasárgada

Vou me embora pra pasárgada

Lá sou amigo do rei

Lá tenho a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou me embora pra pasárgada

Vou me embora pra pasárgada

Aqui eu não sou feliz

Lá a existência é uma aventura

De tal modo inconsequente

Que Joana a louca de Espanha

Rainha falsa demente

Vem a ser contraparente

Da nora que nunca tive

E como farei ginástica

Andarei de bicicleta

Montarei um burro brabo

Subirei no pau-de-sebo

Tomarei banhos no mar!

E quando estiver cansado

Deito na beira do rio

Mando chamar a mãe-d' água.

Pra me contar as histórias

Que no tempo de eu menino

Rosa vinha me contar

Vou me embora pra pasárgada

Em pasárgada tem tudo

É outra civilização

Tem um processo seguro

De impedir a concepção

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas

Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste

Mas triste de não ter jeito

Quando de noite me der

Vontade de me matar

- Lá sou amigo do rei -

Terei a mulher que eu quero

Na cama que escolherei

Vou me embora pra pasárgada

Manuel Bandeira, Brasil

(Bandeira, 1990)



## Itinerário de Pasárgada

Saudade fina de Pasárgada...

Em Pasárgada eu saberia  
onde é que Deus tinha depositado  
o meu destino...

E na altura em que tudo morre...  
(cavalinhos de Nosso Senhor corre no céu;  
a vizinha acalenta o sono do filho  
rezingão;  
Tói Mulato foge a bordo de um vapor;  
o comerciante tirou a menina de casa;  
os mocinhos da minha rua cantam:

    Indo eu, indo eu,  
    a caminho de Viseu

Na hora em que tudo morre,  
esta saudade fina de Pasárgada  
é um veneno gostoso dentro do meu  
coração.

    Baltazar Lopes, Cabo Verde (*in*  
    Andrade, 1980a)

## Canção do Mestiço

Mestiço!

Nasci do negro e do branco  
e quem olhar para mim  
é como quem olhasse  
para um tabuleiro de xadrez:  
a vista passando depressa  
fica baralhando cor  
  
no olho alumbrado de quem me vê

Mestiço!

E tenho no peito uma alma grande  
uma alma feita de adição  
como 1 e 1 são 2.

Foi por isso que um dia  
o branco cheio de raiva  
contou os dedos das mãos  
fez uma tabuada e falou grosso  
mestiço!  
a tua conta está errada.  
Teu lugar é ao pé do negro.

Ah!

Mas eu não me danei...  
E muito calminho  
arrepanhei o meu cabelo para trás  
fiz saltar fumo do meu cigarro  
cantei do alto  
a minha gargalhada livre  
que encheu o branco de calor!...

    Francisco José Tenreiro, S. Tomé e  
    Príncipe (CEI, 1994)

## Negra

Gentes estranhas com seus olhos cheios  
doutros mundos  
quiseram cantar teus encantos  
para eles só de mistérios profundos,  
de delírios e feitiçarias...  
Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.  
Em seus formais e rendilhados cantos,  
ausentes de emoção e sinceridade,  
quedaste-te longínqua, inatingível,  
virgem de contactos mais fundos.  
E te mascararam de esfinge de ébano,  
amante sensual,  
jarra etrusca, exotismo tropical,  
demência, atracção, crueldade,  
animalidade, magia...  
e não sabemos quantas outras palavras  
vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados  
foste tudo, negra...  
menos tu.

E ainda bem.  
Ainda bem que nos deixaram a nós,  
Do mesmo sangue, mesmos nervos, carne,  
alma,  
sofrimento,  
a glória única e sentida de te cantar  
com emoção verdadeira e radical,  
a glória comovida de cantar, toa  
amassada,

moldada, vazada nesta sílaba imensa e  
luminosa: MÃE

Noémia de Sousa, Moçambique  
(CEI, 1994)

### Grito negro

Eu sou carvão!  
E tu arrancas-me brutalmente do chão  
E fazes-me tua mina  
Patrão!

Eu sou carvão!  
E tu acendes-me, patrão  
Para te servir eternamente como força  
motriz  
Mas eternamente não  
Patrão!

Eu sou carvão!  
E tenho que arder, sim  
E queimar tudo com a força da minha  
combustão.

Eu sou carvão!  
Tenho que arder na exploração  
Arder até às cinzas da maldição  
Arder vivo como alcatrão, meu irmão  
Até não ser mais tua mina  
Patrão!

Eu sou carvão!  
Tenho que arder  
E queimar tudo com o fogo da minha  
combustão.

Sim!  
Eu serei o teu carvão  
Patrão!

José Craveirinha, Moçambique  
(*Xigubo*, 1995)

### Carta dum contratado

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio  
de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue  
desta saudade a que vivo todo  
entregue...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta de confidências íntimas,  
uma carta de lembranças de ti,  
de ti  
dos teus lábios vermelhos como tacula  
dos teus cabelos negros como dilôa  
dos teus olhos doces como macongue  
dos teus seios duros como maboque  
do teu andar de onça  
e dos teus carinhos  
que maiores não encontrei por aí...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que recordasse nossos dias na capôpa  
nossas noites perdidos no capim  
que recordasse a sombra que nos caía dos  
jambos  
o luar que se coava das palmeiras sem fim  
que recordasse a loucura  
da nossa paixão

e a amargura  
da nossa separação...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
que a não lesses sem suspirar  
que a escondesses de papai Bombo  
que a sonegasses a mamãe Kiesa  
que a relesses sem a frieza  
do esquecimento  
uma carta que em todo o Kilombo  
outra a ela não tivesse merecimento...

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que ta levasse o vento que  
passa  
uma carta que os cajus e cafeeiros  
que as hienas e palancas  
que os jacarés e bagres  
pudessem entender  
para que se o vento a perdesse no  
caminho  
os bichos e plantas  
compadecidos de nosso pungente sofrer  
de canto em canto  
de lamento em lamento  
de farfalhar em farfalhar  
te levassem puras e quentes  
as palavras ardentes  
as palavras magoadas da minha carta  
que eu queria escrever-te amor...

Eu queria escrever-te uma carta...

Mas ah meu amor, eu não sei  
compreender  
por que é, por que é, por que é, meu bem  
que tu não sabes ler  
e eu - Oh! Desespero - não sei escrever  
também!

António Jacinto, Angola  
(CEI, 1994)

Estou em guerra  
o céu não é meu  
Estou em guerra  
o mar não é meu  
Estou em guerra  
e a vida só se conquista  
com a morte...  
na esperança de recuperar  
o meu mar!

Xanana Gusmão (Gusmão, 1995)

Olha-me p'ra estas crianças de vidro  
cheias de água até às lágrimas  
enchendo a cidade de estilhaços  
procurando a vida  
nos caixotes do lixo.

Olha-me estas crianças  
transporte  
animais de carga sobre os dias  
percorrendo a cidade até aos bordos  
carregam a morte sobre os ombros  
despejam-se sobre o espaço  
enchendo a cidade de estilhaços.

Ana Paula Tavares, Angola  
(Tavares, 1999)

**“E havia outono?”**

Havia o que não esperas: árvores,  
altas árvores de coração amargo,  
e o vento rodopia e leva  
as folhas cegas  
por sobre a cabeça do homem.  
Havia um coto em sangue.

Não morreremos nunca, diziam.  
O beijo canta, a lenha queima  
junto à pista.  
Morreremos dez vezes  
para nascer dez vezes,  
não morreremos nunca,  
diziam.

Aquele que trouxe uma tibia da Quitilene  
envernizou-a depois em silêncio.  
Havia o que não esperas: horas,  
minutos como horas  
para mastigar o sus  
tocado pelas trevas da mata.

E as minas / os fornilhos /  
as armadilhas com trotil /  
ah não vou contar-te um décimo  
desta libertinagem.  
Havia súbitos rios, cândidos  
arbustos pendentes  
que a cigarra desperta ao meio-dia.  
Morreremos dez vezes, diziam,  
para nascer dez vezes, diziam,  
não morreremos nunca.

Aquele que se enche de vinho  
tinha as palavras presas  
na boca por cabelos finíssimos.  
Adormecia voltado para dentro,  
ignorante e trémulo,  
espantado da queda  
de grandes rochas no ouvido.

Havia o que não esperas: risos,  
lágrimas como risos,  
lágrimas  
como folhas cegas  
explodindo ao de leve;  
e a morte -

Fernando Assis Pacheco, Portugal  
(Pacheco, 1991)

### **Camarada Inimigo**

Esteve aqui um inimigo sem fome, muita.  
Deixou-me este inimigo uma ração de  
combate com formigas  
e 2 pedaços de jornal com excrementos  
e 22 latas de cervejas vazias  
e capim pisado.

Contou-me muita informação preciosa  
este inimigo  
sei que há 3 meses fazia frio em Lisboa  
(Portugal)  
Caetano está bom na legenda mas só tem  
meia cabeça na foto  
e o seu sorriso acaba onde começa mais  
excremento  
Caetano está bom mesmo e o Povo  
Português muito triste  
hoje há 3 meses pois Eusébio não alinha  
por ter menisco  
e Santo Francisco de Paula é senhorio em  
Lisboa dos pobres.

Sei ainda que este inimigo tem a doença  
da sede para esquecer  
tem pouca fome porque ainda não sabe  
aprender a esquecer  
tem diarreia, tem lombriga, tem solidão  
e só sabe fumar metade do cigarro.

Este inimigo deixa muita informação e  
rasto  
Não pode ser um inimigo tão assim tanto

é um camarada inimigo trabalhando no  
campo inimigo  
é pelo menos um agente duplo.  
Mutimati Barnabé João, Portugal  
(João, s/d)

## Áfricas

Não se faz da memória um novo amor,  
por isso nada em mim te procurava.  
Não te sonhei sequer quando criança,  
teu nome não brilhava como estrela.

Porque amor é só feito de surpresa,  
mais nos agarra quando nunca o vimos.  
Para mim teu país no mapa era  
uma confusa mancha de incerteza.

A guerra, a solidão, fim do Império,  
vieram dar o rosto da tragédia  
ao que eu nunca sonhara como história

que fosse pessoal. Coube-nos todo  
este peso da História e esta surpresa  
de te reconhecer como eu respiro.

Luís Filipe Castro Mendes, Portugal  
(Mendes, 1999)

## Afroinsularidade

Deixaram nas ilhas um legado  
de híbridas palavras e téticas plantações  
engenhos enferrujados proas sem alento  
nomes sonoros aristocráticos  
e a lenda de um naufrágio nas Sete  
Pedras

Aqui aportaram vindos do Norte  
por mandato ou acaso ao serviço do seu  
rei:

navegadores e piratas  
negreiros ladrões contrabandistas  
simples homens  
rebeldes proscritos também  
e infantes judeus  
tão tenros que feneceram  
como espigas queimadas

Nas naus trouxeram  
bússolas quinquilharias sementes  
plantas experimentais amarguras atrozes  
um padrão de pedra pálido como o trigo  
e outras cargas sem sonhos nem raízes  
porque toda a ilha era um porto e uma  
estrada  
sem regresso  
todas as mãos eram negras forquilhas e  
enxadas

E nas roças ficaram pegadas vivas  
como cicatrizes, cada cafeeiro respira  
agora um  
escravo morto.



E nas ilhas ficaram  
incisivas arrogantes estátuas nas esquinas  
cento e tal igrejas e capelas  
para mil quilómetros quadrados  
e o insurrecto sincretismo dos paços  
natalícios.

E ficou a cadência palaciana da ússua  
o aroma do alho e do zêtê d'óchi  
no tempi e na ubaga téla  
e no calulu o louro misturado ao óleo de  
palma  
e o perfume do alecrim  
e do mlajincon nos quintais dos luchans

E aos relógios insulares se fundiram  
os espectros, ferramentas do império  
numa estrutura de ambíguas claridades  
e seculares condimentos  
santos padroeiros e fortalezas derrubadas  
vinhos baratos e auroras partilhadas

Às vezes penso em suas lívidas ossadas  
Seus cabelos podres na orla do mar  
aqui, neste fragmento de África  
onde, virado para Sul,  
um verbo amanhece alto  
como uma dolorosa bandeira.

Conceição Lima, São Tomé e Príncipe  
(Lima, 2004)

#### Poema de Helena Lanari

Gosto de ouvir o português do Brasil

Onde as palavras recuperam sua  
substância total

Concretas como frutos nítidas como  
pássaros

Gosto de ouvir a palavra com suas sílabas  
todas

Sem perder sequer um quinto de vogal

Quando Helena Lanari dizia o «coqueiro»

O coqueiro ficava muito mais vegetal

Sophia de Mello Breyner Andresen,  
Portugal (Vasconcelos, 2004)

José

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bode não veio,  
o riso não veio  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula de jejum,  
sua biblioteca,

sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio - e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse;  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse ...

Mas você não morre,  
você é duro, José!  
Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto~  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

Drummond de And. (*in* Andrade, 1987)

### Um poema diferente

O povo das ilhas quer um poema  
diferente

Para o povo das ilhas:

Um poema sem gemidos de homens  
desterrados

Na quietação da sua existência;

Um poema sem crianças que se  
alimentem do leite negro das horas  
abortadas

Um poema sem mães olhando o quadro  
dos seus filhos sem mãe...

O povo das ilhas quer um poema  
diferente

Para o povo das ilhas:

Um poema sem braços à espera de  
trabalho

Nem bocas a espera de pão

Um poema sem barcos lastrados de gente

A caminho do sul

um poema sem palavras estranguladas

Nas grades do silêncio...

O povo das ilhas quer um poema  
diferente

Para o povo das ilhas:

Um poema com seiva nascendo no  
coração da ORIGEM

Um poema com batuque e tchabéta e  
badias de Santa Catarina

Um poema com saracoteio d'ancas e  
gargalhadas de marfim!

O povo das ilhas quer um poema  
diferente

Para o povo das ilhas:

Um poema sem homens que percam a  
graça do mar

E a fantasia dos pontos cardeais!

Onésimo Silveira, Cabo Verde

(*in* Andrade, 1980a)

## Invasão

Quiseram separar meu coração da minha ilha

Mas eu tinha uma fita verde de folha de  
palmeira  
Na cabeça

E atravessei a ribeira onde

Moravam meus irmãos crocodilos.

E pelo sinal da fita verde de folha de  
palmeira

Não me devoraram.

Lembraram-se

Que fora eu,

Príncipe,

Quem salvara há milénios

O primeiro de todos

Do fogo da areia,

E o embebera em água.

Quiseram separar meu coração da minha  
ilha.

E os homens de longe buscaram-me

Desde o Cupão ao Lautém.

E viram-me por fim

Atravessando a ribeira

E entraram nas águas quando

Estava já na outra margem.

Mas nenhum separou meu coração da  
minha ilha!...

Não tinham na cabeça

Fitas verdes de folha de palmeira

Fernando Sylvan (Sylvan, 1993)

## Canção timor de embalar

Meu menino

dorme

dorme...

Diziam

as mães antigas

aos filhos

para fechá-los

no sono

sobre as esteiras.

Acorda

meu filho

acorda...

Sacodem

as mães agora

os filhos

para chamá-los

às armas

e às canseiras.

Meu menino

dorme

dorme...

Não podiam

nesse tempo

nem futuro

amanhecer

nem liberdade

cantar

Acorda

meu filho

acorda...

Não podes

dormir sonhar:  
guerrilheiro  
tens de ser  
que o povo  
tem de lutar!

Fernando Sylvan(Sylvan, 1993)

Em que língua escrever  
Em que língua escrever  
Contando os feitos das mulheres  
E dos homens do meu chão?  
Como falar dos velhos  
Das passadas e cantigas?  
Falarei em crioulo?  
Falarei em crioulo!  
Mas que sinais deixar  
Aos netos deste século?

Ou terei que falar  
Nesta língua lusa  
E eu sem arte nem musa  
Mas assim terei palavras para deixar  
Aos herdeiros do nosso século  
Em crioulo gritarei  
A minha mensagem  
Que de boca em boca  
Fará a sua viagem  
(...)

Deixarei recado  
Num pergaminho  
Nesta língua lusa  
Que mal entendo  
(...)

Odete Semedo, Guiné Bissau  
(Semedo, 1996)

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond de (1987) 21ª ed. - *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record.
- ANDRADE, Mário de (1980a) 3ª ed. - *Antologia Temática de poesia africana I: na noite grávida de punhais*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.
- ANDRADE, Mário de (1980b) 2ª ed. - *Antologia da Temática de poesia africana II: o canto armado*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro.
- Amantes Obscuros*. Lisboa: Quetzal Editores.
- BANDEIRA, Manuel (1990) - *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- CAMÕES, Luís de (1992) - *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões.
- CEI (1994) - *Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império 1951-1963*. Lisboa: Edições ACEI.
- CRAVEIRINHA, José (1995) - *Xibugo*. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos.
- FERREIRA, Manuel (1997) - *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Plátano S.A.
- FERREIRA, Manuel (1977) 1ª ed. - *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Portugal: Instituto de Cultura Portuguesa, Secretaria do Estado da Investigação Científica e Ministério da Educação e Investigação Científica.
- GRUZINSKI, Serge (2001) - *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GUSMÃO, Xanana (1998) - *Mar Meu*. Porto: Multitema.
- JOÃO, Mutimati Barnabé (s/d) - *Eu Povo*.
- LIMA, Conceição (2004) - *O Útero da Casa*. Lisboa: Caminho
- MACEDO, Hélder (1991) - *Partes de África*. Lisboa: Presença.
- MENDES, Luís Filipe Castro (1999) - *Poesia Reunida (1985-1999)*.
- PACHECO, Fernando Assis (1991) - "Catalabanza, Quilolo e Volta", in *A Musa Regular*. Porto: ASA.
- SEMEDO, Maria Odete (1996) - *Entre o Ser e o Amar*.
- SYLVAN, Fernando (1993) - *A Voz Fagueira de Oan Timor*. Lisboa: Colibri.
- VASCONCELOS, José Carlos (2004) - *Cem Poemas de Sophia*. Sintra: Caminho.
- VERDE, Cesário (s/d) - *O Livro de Cesário Verde*. Lisboa: Passagem.
- TAVARES, Ana Paula (1999) - *O Lago da Lua*. Lisboa: Caminho.